

ASPECTOS GERAIS DAS ATIVIDADES FLORESTAIS NA AUSTRÁLIA E ÁFRICA DO SUL^(*)

A.S.R. Coelho ^(**)
R.A.G. Pereira ^(***)
N.B. Leite ^(****)

I - INTRODUÇÃO

Os engenheiros Agrônomos Antonio S. Rensi Coelho e Dr. Ronaldo A. Guedes Pereira, percorreram regiões da Austrália e África do Sul, onde mantiveram importantes contactos com técnicos de Institutos de Pesquisas e Empresas Florestais, que lhes ofereceram a oportunidade de conhecer e acompanhar a tecnologia que vem sendo desenvolvida no setor florestal nos países visitados.

Nosso nível de tecnificação é comparado, assim como neste trabalho são avaliadas nossas possibilidades econômicas no setor madeireiro. Esses contactos, muito importantes para aprimorar e estabelecer novos métodos para a pesquisa florestal, serviram, ainda, para fortalecer e estreitar os laços de amizade que atualmente unem pesquisa e pesquisadores florestais das mais distantes regiões do globo.

II - AUSTRÁLIA

1. Características Gerais

Extenso país da Oceania, apresenta superfície territorial de 7.704.159 km² e população ao redor de 12.800.000 habitantes. Está compreendido entre os paralelos de 10°41' e 43°39' de latitude sul, cortado pelo Trópico de Capricórnio. É uma região, de modo geral, bastante pobre em água, apresentando apenas uma estreita faixa junto ao mar, suficientemente úmida, enquanto todo o centro do país, sob a ação de altas pressões subtropicais, caracteriza-se pela queda muito rara de chuvas. Na parte norte do país, há predominância de climas quentes, existindo também determinados locais, onde há clima desértico. O extremo sul e toda a região oriental, apresenta climas sub-tropicais e temperados. Dadas as suas características climáticas, dominam na Austrália, formações herbáceas, apresentando, no entanto, nas zonas costeiras, florestas bastante densas do tipo tropical a nordeste, correspondendo à zona mais quente e chuvosa, e de tipo sub-tropical no trecho sul oriental.

2. Aspectos florestais importantes

^(*) Aspectos técnicos importantes retirados de palestra proferida em reunião do I.P.E.F. no dia 4-8-72 em Piracicaba - S. Paulo, e publicação autorizada pelos autores.

^(**) Diretor técnico da Duratex S.A. Indústria e Comércio

^(***) Diretor da Divisão de Recursos Naturais da Champion Papel e Celulose S.A.

^(****) Técnico do I.P.E.F.

2.1. Regeneração

As florestas australianas se regeneram na sua grande maioria naturalmente por meio de sementes e, apresentam incremento anual ao redor de 7-10 m³/ha/ano. A rebrota não é muito comum nas espécies mais importantes. Existe também sementeira direta no campo feita por avião ou manualmente, em terrenos previamente limpos e onde o resto da vegetação tenha sido queimado. Esse tipo de regeneração utiliza cerca de 1.200 gramas de sementes de eucalipto por hectare, prevendo-se um ciclo de 40 anos para exploração total dessa floresta, destinando-se a madeira principalmente para celulose e serraria.

Já existem, embora em pequena minoria, empresas florestais convictas das viabilidades econômicas para justificar os plantios artificiais, estando pois, procurando abandonar paulatinamente as atividades que se relacionam com a regeneração natural.

Em Gippsland -Traralgon, por exemplo, a Australian Paper Manufactures Ltd., que apresenta excelente organização florestal, admite técnicas florestais adaptadas completamente à instalação de florestas artificiais. O solo é devidamente preparado. as mudas são produzidas individualmente, usa fertilizantes e mantém um departamento de pesquisa bastante ativo e progressista. Cultiva principalmente **E. regnans**, **E. globulus** e **E. obliqua**. Apresenta em menor escala **E. sieberi**, **E. gigantea**, **E. nitens**, **E. grandis**, além de grande número de plantios experimentais, inclusive de híbridos.

A A.P.M. Ltd. possui área florestal de 73.000 ha. incluindo as suas reservas naturais e 28.000 ha plantados com **P. radiata** e 3.700 ha plantados com eucaliptos.

2.2. Viveiro

Dado o interesse, ainda pequeno, que tem despertado a implantação artificial de florestas, os viveiros são pequenos e não apresentam grandes produções. Algumas particularidades se mostraram interessantes, mas de um modo geral guardam as mesmas características daquilo que se conhece no Brasil.

Os recipientes mais comuns são o laminado (Cr\$ 21,00 o milheiro) e o jiffy pot, recipiente constituído de musgo-esfagno, e que custa cerca de Cr\$ 39,00 o milheiro. Utiliza-se predominantemente a sementeira direta nos recipientes, existindo, no entanto, certos viveiros em que a sementeira direta é feita a lança sobre os recipientes encanteirados. Nessas condições são gastos de 22 a 45 kg de sementes para produção de 1 milhão de mudas. A proteção dos canteiros é feita geralmente por aniagem e não se dispensa o tratamento usual de solo contra pragas, doenças e ervas daninhas. A adubação utilizada NPK é complementada com Mg e traços de micro-nutrientes. O tempo para produção de mudas gira em torno de 70 a 150 dias, dependendo dos tratamentos a que são submetidas e a técnica utilizada. O preço da muda pronta para plantio está ao redor de Cr\$120,00 o milheiro.

2.3. Plantio

Para a instalação das florestas artificiais é feito um bom preparo do solo, desde que as condições topográficas permitam a mecanização. Em Coffs Harbor observou-se um plantio de **E. grandis** com 15 meses de idade apresentando de 2 a 3 metros de altura, em espaçamento de 3,30 x 2,70 m e onde fora utilizada fertilização à base de nitrogênio e fósforo (15N- 30P) em duas aplicações; a 1.^a com 5 semanas e a 2.^a com 5 meses, num total

de 45 gramas por árvore em parcelas iguais. Plantios artificiais mais velhos de **E. grandis**, nessas condições, apresentam incremento anual de 15-20 m³/ha.

O preparo do solo, após limpeza dos restos de vegetação se processa por meio de grades pesadas. O plantio é feito manualmente e o australiano ganhando Cr\$ 290,00 semanais, consegue plantar 1.200 mudas por dia. Nessas condições o custo de plantio, fica ao redor de Cr\$1.000,00 por ha. Os custos para implantação das florestas são bastante variáveis em função de topografia, vegetação existente, etc. Em Coff's Harbor existe também plantios de **E. saligna**.

No Gippsland a Australian Paper Manufactures Ltd., está instalada em área onde o preço da terra varia de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 2.000,00 o hectare, dependendo do processo de valorização a que estão sendo submetidas. Apresenta gastos para plantio ao redor de Cr\$ 1.500,00/ha, incluindo nesse total Cr\$ 150,00 a Cr\$ 450,00 com fertilização. O preço das mudas, corresponde aproximadamente a 10% dos gastos de plantio. Utiliza-se 200 kg de fertilizante por hectare. Os talhões apresentando de 20 a 30 hectares são separados por carregadores ou aceiros com largura variando entre 10 e 20 m. Nessa região experimento com **E. regnans** com 15 anos de idade plantado a espaçamento de 2,10 x 2,10 m em solos bastante férteis apresenta incremento anual ao redor de 33 m³/ha.

A A.P.M. Ltd. no Gippsland está desenvolvendo um experimento de adubação com **E. globulus**, e o melhor tratamento, que recebeu 900 kg de fertilizantes por hectare, contando atualmente com 2,5 anos de idade, apresenta 4 a 5 metros de altura. O adubo fora aplicado parceladamente em 3 vezes.

Em Queensland os plantios artificiais de **P. elliotii** var. **elliotii** apresentam incremento anual de 15 m³/ha e em Victoria o **P. radiata**, apresenta aspecto muito uniforme e crescimento anual ao redor de 20 m³/ha.

2.4. Exploração e Utilização da Madeira

A madeira de eucalipto das diversas espécies, origina-se basicamente das velhas florestas naturais, onde se encontram exemplares de 150 a 400 anos, atingindo nos melhores locais até 70 m de altura.

A utilização da madeira é feita na sua grande maioria por serrarias, laminadoras e indústrias de celulose e papel.

As diferentes etapas da exploração do produto florestal se diferenciam do nosso meio, basicamente, pelas enormes peças que são trabalhadas. Não existe nenhum aproveitamento para a casca do eucalipto, que costuma ser retirada no próprio local do abate, ou em pátios antes de serem industrializadas e de modo geral sem processamento mecânico. As indústrias de celulose pagam em média Cr\$ 40,00 o metro cúbico de madeira posta na fábrica.

As florestas nativas, quase sempre, são de propriedade do governo e fornecidas através de concessão especial às firmas que se encarregam da construção e manutenção de estradas, proteção contra fogo e regeneração das áreas exploradas. As estradas são muito boas, custam aproximadamente Cr\$ 30.000,00 o km e são incorporadas pelo governo no decorrer no tempo.

O governo australiano tem voltado muita atenção e interesse ao problema da exportação de cavacos para o Japão. Está sendo previsto o embarque aproximado de 2 milhões de toneladas anuais, que se prendem a contratos de 1971 -1988 no valor total de 500 milhões de dólares. Em Eden, onde a exportação de cavacos terá seu suporte principal,

existem predominantemente as seguintes espécies: **E. sieberi**, **E. eugenioides** e **E. miylleriana**.

Até 1971 foram implantados artificialmente 400.000 ha com florestas de coníferas equivalendo a uma taxa anual' que ainda deverá perdurar de 30.000 ha. Essa reposição está sendo feita para suportar as necessidades internas e o eventual aumento de mercado externo.

Internamente, os grandes consumidores de madeira são representados pelas indústrias de celulose e papel, onde se destacam :

APPM (Associated Pulp & Paper Mills Ltd.) produzindo 150.000 toneladas anuais de papel para escrever e impressão.

ANM (Australian New print Mills) que estará produzindo brevemente 200.000 toneladas anuais.

APM (Australian Paper Manufactures) que possui fábricas em todos os Estados e produz papel para embalagens e indústrias de construção, num total de 600.000 toneladas anuais.

A indústria de celulose e papel da Austrália, lutando com problemas de poluição e estando sujeita a severos regulamentos, apresenta estágio de desenvolvimento e nível tecnológico bastante avançado. Esses fatos ficaram comprovados através dos trabalhos apresentados na CONFERÊNCIA NACIONAL DA APPITA em Hobart, onde foram abordados os mais diversos assuntos direta e indiretamente ligados ao setor florestal, através dos trabalhos que vêm sendo realizados na CSIRO Lab., em Melbourne, capital de Victoria.

2.5. Principais espécies: ocorrência utilização

Foram visitadas basicamente 4 regiões na Austrália: - Tasmania, Victoria, New South Walles e Queensland. Nesses locais os contatos com pesquisadores e empresários florestais propiciaram a oportunidade de se conhecer muitas espécies em sua zona de ocorrência natural, utilização específica e possibilidade de obtenção de sementes das espécies mais interessantes para nossas condições.

Na Tasmania, na região de Maidena, com clima temperado-frio, latitude de 42° e 43° Sul, com precipitação de 1.250 a 1.550 mm bem distribuídos durante todo o ano, as principais espécies encontradas foram: **E. regnans**, **E. delegatensis**, **E. obliqua**, **E. ovata**.

Nessas regiões segundo Pryor se localizam as melhores florestas de **E. regnans**. Foram observados ao norte da Tasmania em Burnie o **E. viminalis**, **E. globulus**, **E. simmondsii**, este de baixo valor quanto à produtividade, **E. regnans** utilizado para serraria, laminado e polpa, **E. delegatensis**, para serraria, laminado e polpa, apresentando no entanto densidade mais alta que o **E. regnans** e **E. obliqua**, com madeira bem clara, usado para laminação, embora apresente tendência a rachadura. Nessas regiões, o sassafráz apresenta-se como vegetal caracteristicamente invasor das florestas de eucalipto, sendo, no entanto, usado em porções definidas para fabricação de polpa.

Em Victoria, na região de Gippsland-Traralgon, à latitude de 30° Sul, altitude de 300 a 900 metros e com precipitação ao redor de 650mm/ano, as principais espécies encontradas foram: **E. regnans**, **E. obliqua**, **E. gigantea**, **E. sieberi**, **E. nitens** (de altitude), **E. globulus** e **E. grandis**.

Na região de Eden, as principais espécies que ocorrem são:

- **E. sieberi**, **E. engenioides**, **E. miylleriana**, para polpa e papel, com vistas principalmente à exportação de cavacos.

- **E. smithii**, **E. ednaeana**, **E. viminalis**, **E. obliqua**, **E. pilularis**, estes apresentando madeira clara, densidade média, são utilizados para serraria. mas poderão ser eventualmente utilizados como cavacos.

- **E. bosistoana**, **E. bauerana**, **E. sideroxylon**, **E. gumifera**, **E. longifolia**, apresentam madeira escura e densidade bem alta, não sendo utilizadas para polpa.

Em New South Walles, na região de Coffs Harbor, com latitude de 30° Sul, altitude entre 20 e 300 metros, encontra-se principalmente o **E. grandis** e **E. saligna**. Nesta região foi observado também o **E. dunnii** fazendo parte de uma coleção, mostrando excelente forma e volume de madeira.

Em Queensland, na região de Beerbirum, são encontradas grandes reservas florestais do Governo. Nessa região, através de contactos com o Dr. Nichols, pesquisador que mantém estreitas ligações com os trabalhos de pesquisa do IPEF, foram observados os trabalhos de melhoramento florestal que estão sendo desenvolvidos com diversas espécies de **Pinus**. Chamou-nos a atenção, a presença de extensas florestas de **Araucaria cunninghamia** (Hoop-pine) que são exploradas em regime sustentado, numa área de 28.400 ha, tendo tido o espaçamento inicial de 2,70 x 2,40 m. O **E. pellita** também nas proximidades de Beerbirum chamou bastante a atenção, pela forma e desenvolvimento em lotes artificiais. Neste Estado em Atherton, ao Norte do Trópico foram observados vários locais de ocorrência natural de **E. grandis**, recomendando-se a necessidade de serem testadas as procedências dos seguintes locais: (Poluma - Kirrama - Mont For - Princess Mills e Rovenshoe).

Foram observadas também outras espécies como **E. torelliana**, **E. tereticornis**, **E. alba**, **E. robusta**, **E. pilularis**, etc.

2.6. A obtenção de sementes

No serviço de produção de sementes da Austrália, chefiado pelo Dr. I. W. Turnbull, existem 450 espécies de eucaliptos catalogadas e mais 50 espécies que estão sendo classificadas.

A colheita de sementes é feita anualmente em pequenas quantidades e sempre de árvores derrubadas. A mão de obra australiana é bastante cara o que encarece e dificulta Os serviços de colheita de sementes. A quantidade colhida anualmente abastece estritamente as companhias e os órgãos estatais australianos. As sementes são estocadas a 8 % de umidade em latas fechadas à temperatura ambiente, até por 2 anos, sem nenhum problema. Em casos de armazenamento a longo prazo são utilizadas câmaras frias a 5°C, e os informes garantem até 10 anos de armazenamento com preservação de 20% do poder germinativo. Faz-se tratamento das sementes com CS₂.

O **E. decaisneana** e **E. urophila** estão sendo reclassificados com material coletado em Timor, através do Dr. Jacobs, cientista conhecedor das condições brasileiras, e que juntamente com o Dr. I. W. Turnbull e Dr. Pryor estão se mostrando bastante interessados na introdução dessas espécies no Brasil, em maior escala, através dos contactos que estão sendo mantidos com o IPEF e a Escola de Florestas de Piracicaba.

Foram recomendadas pelo Dr. Pryor, algumas espécies para fins mais específicos a saber:

Para produção de óleos essenciais :

- *E. staigerana*. *E. citriodora*. *E. macarthurii*. *E. radiata*. *E. dives*.
E. robertsonii. *E. cneorifolia*. *E. globulus*.

Para produção de taninos:

- *E. sideroxylon*. *E. Smithii*. *E. staigerana*:. *E. macarthurii*.

Para utilização em terrenos de baixada:

- *E. deglupta*. *E. pellita*. *E. robusta*.

III - ÁFRICA DO SUL

1 - Características gerais

República localizada na África Meridional, reunindo em seu território as províncias da Antiga Sul-Africana: Cabo, Crange, Natal e Transvaal, tendo como capital Pretória. Apresenta superfície territorial de 1.223.409 km² e cerca de 21 milhões de habitantes.

A latitude (o Trópico de Capricórnio passa ao Norte do país), aliada à altitude, influi no clima da África do Sul: assim a cidade do Cabo apresenta, 16,39C de temperatura média anual, Pretória com 19,4°C, e Durban com 20,4°C, cujas médias de inverno chegam a ser inferiores a 10°C, as geadas são freqüentes quase todos os anos e, nos maciços em áreas mais elevadas, a queda de neve é registrada comumente. Por outro lado, fraca é a nebulosidade sobre a África do Sul, por isso considerado um país ensolarado.

A pluviosidade é, em geral, escassa: a maior parte de seu território recebe chuvas anuais entre 250 a 1.000 mm. Raras são as regiões em que caem mais de .1.000 mm por ano, índice registrado para o litoral sudeste, entre Durban e East Kondon; a porção Oeste do país entre as cidades do Cabo e Port Nolloth, no litoral, e a parte ocidental dos planaltos, não chegam a ter 500 mm anuais de chuva. O noroeste da costa atlântica registra índice maior que 100 mm por ano.

A vegetação subordinada às condições climáticas apresenta somente florestas semelhantes às de clima tropical a sudeste. A hidrografia é bastante pobre, destacando-se apenas o Rio Orange e seu afluente o Vaal, os demais passam aparte do ano quase que inteiramente secos.

Economicamente forte, contando com excelente sistema de transportes terrestres, a África do Sul, já se destaca como um dos países importantes do continente africano.

2. Aspectos florestais importantes

2.1. Florestas artificiais

Grande parte do país constitui-se de chapadões elevados de 1.200 a 1.600 metros de altitude - cobertos por pastagens ou vegetação rasteira. A cobertura florestal natural, restrita a pequenas regiões, corresponde a 4% da superfície total do país, sendo considerada como das menores do mundo (o Brasil possui aproximadamente 55 %).

O início das atividades de florestamento tomaram os primeiros impulsos, somente no fim do século passado. Nessa época, objetivando a produção de madeira para consumo, iniciaram-se os primeiros plantios de essências exóticas procedentes de várias partes do mundo. No entanto, a partir de 1915 as atividades de florestamento avolumaram-se bastante e atualmente já existem cerca de 720.000 hectares de florestas artificiais, abrangendo 240.000 hectares para eucaliptos, 160.000 hectares para Acácia e 320.000

hectares para pinos. O governo teve parte ativa nas atividades de florestamento e reflorestamento. Embora, a atividade florestal tenha se constituído em importante base para a economia do país, está apresentando sérias restrições para a expansão de suas áreas de implantação por causa dos baixos índices pluviométricos de certas regiões. Aceita-se como viável a disponibilidade de áreas estimada em 480.000 hectares, os quais são suficientes somente para o programa dos próximos 10 anos.

2.2. As espécies cultivadas e a utilização da madeira

O **E. grandis** principalmente e **E. saligna** em pequena quantidade constituem-se nas espécies de maior importância do gênero *Eucalyptus*, e correspondem, aproximadamente, a 85% dos plantios de eucaliptos no país. Os 15 % restantes ficam distribuídos entre espécies secundárias para locais e utilizações particulares. Em Transvaal, por exemplo, nas regiões de clima frio, com geadas, apresentam-se como mais importantes as seguintes espécies: **E. fastigata**, **E. fraxinoides**, **E. nitens**, **E. radiata**, **E. macarthurii**.

As espécies de coníferas de uso mais extensivo são representadas por **Pinus patula**, compreendendo aproximadamente 50% dos reflorestamentos com coníferas, e em menor escala **P. elliotii** var. **elliotii**, **P. taeda**, **P. canariensis**, **P. pinaster**, **P. caribaea** de diferentes variedades e outras.

As plantações de coníferas do governo objetivam principalmente atender às necessidades das serrarias e, em menor escala, as indústrias de celulose. No entanto, quando o reflorestamento é feito exclusivamente por empresas particulares é dado maior ênfase às indústrias de celulose e papel.

A utilização da madeira de eucalipto é feita nas construções civis, indústria de celulose e serraria, destacando-se aqui os excelentes trabalhos lá desenvolvidos que estão permitindo a utilização perfeita dessa madeira pelas serrarias.

As indústrias de celulose e papel, também às voltas com regulamentos severos de controle de poluição, pagam cerca de Cr\$ 36,00 o m³ de madeira de eucalipto e Cr\$ 54,00 o m³ de madeira de pinos, posta na fábrica. Calcula-se que 30% desse preço corresponda às atividades de corte, 30% ao transporte e 40% ao preço real da madeira em pé. O transporte é feito a uma distância média de 200 km, sobre estradas relativamente boas. As principais indústrias de celulose e papel são: SAPPI e SAICOR, às quais devem ser acrescidas grandes serrarias e indústrias de tratamento de madeira.

2.3. Aspectos culturais importantes

Foram observadas principalmente as atividades florestais que envolviam as espécies de eucaliptos.

Em Natal, o **E. grandis** constituindo-se na espécie mais importante para os plantios comerciais alcança rendimentos de 10-27 toneladas curtas/ha/ano aos 10 anos de idade. O espaçamento varia de 2,10x2,10m a 2,40x2,40 m. encontrando-se também em solos pobres plantios a espaçamento de 3,00 x 3,00m. As atividades florestais são feitas em regiões onde o hectare custa de Cr\$2.500,00 a Cr\$ 5.000,00 e o salário mínimo é de Cr\$ 312,00 mensais. O custo de plantio fica ao redor de. Cr\$ 1.500,00 por hectare. A fertilização ainda não é adotada em escala comercial, restringindo-se apenas a testes preliminares que agora se iniciam.

Está sendo previsto o 1.9 corte aos 10 anos de idade. A desbrota após o 1.9 corte é executada procurando deixar de 2 a 3 brotos por touça.

Na Waterton Timber Company, O **E. grandis** também é muito utilizado em plantios artificiais, apresentando um bom rendimento em solos aparentemente pobres quanto à fertilidade. Mas ricos em água. Existem áreas experimentais onde o **E. grandis** está consorciado com **E. cloeziana**. Quando a utilização da madeira de eucalipto é prevista para serraria procedem-se desramas periódicas até 5,00 metros de altura nas árvores selecionadas. O sistema de produção de mudas da Waterton Timber Company, assemelha-se bastante ao nosso, obtendo-se mudas em 70 dias aproximadamente, custando ao redor de Cr\$ 50,00 o milheiro.

2.4. O problema de sementes

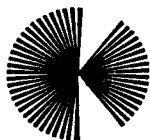
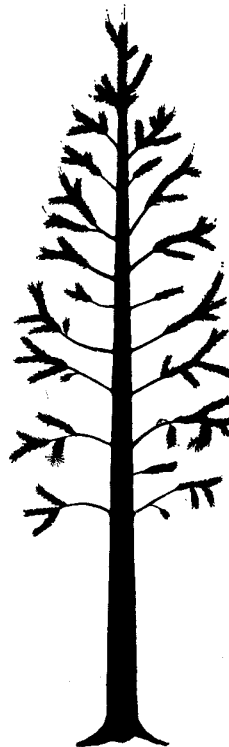
As sementes utilizadas nos programas de florestamento e reflorestamento são obtidas de árvores abatidas, sem nenhum cuidado de seleção. Um dos maiores problemas para a obtenção de sementes de boa qualidade é a falta de pessoal capacitado e interessado para os trabalhos de seleção de árvores fenotipicamente superiores no campo, embora seja de uniformidade notável o padrão fenotípico das plantações artificiais de **E. grandis**. A par dos inconvenientes e problemas a serem resolvidos, a procura de sementes tem aumentado sucessivamente.

IPEF n.5, p.1-90, 1972

SEMENTES SELECIONADAS!

PINUS taeda e PINUS elliottii

A BASE DE UM
REFLORESTAMENTO
BEM SUCEDIDO



Departamento Florestal
Klabin do Paraná

ENDEREÇO: Lagoa, Monte Alegre, Estado do Paraná
Aceita-se pedidos através dos escritórios:
Rio-Gb: Av. Rio Branco, 81 - 11º Andar - Caixa Postal, 1622 - tel. 223-5870
São Paulo: Rua Formosa, 367 - 18º Andar - Caixa Postal, 524 - tel. 37-7101/239-1774
Curitiba: Rua 15 de Novembro, 556 - 3º Andar - tel. 22-5373/23-5399



O Grupo Battistella já colocou a sua marca em mais de 10.000.000 de pinheiros, na bacia do rio Canoas, no Estado de Santa Catarina.

É um trabalho que envolve planejamento, plantação, preservação e industrialização.

Em 72, milhares de novas árvores receberão a marca da tradição e experiência do Grupo Battistella.

Agora você já sabe que pinheiro também tem marca.
Indústria e Comércio de Madeiras Battistella S.A.

Florestal Battistella S.A. — FLOBASA

Av. Marechal Floriano, 947, tel. 226 - Lages - SC

Av. São Luís, 50, 18.º, tel.: 257-2054 - São Paulo - SP

Av. Rio Branco, 156, 19.º, tel.: 252-6832

Rio de Janeiro - GB

À COMPANHIA VALE DO RIO DOCE

e o reflorestamento na região leste

Com a exportação de 28 milhões de toneladas de minério de ferro em 1971 e com o plano de expansão para atingir 50 milhões de toneladas em 1974, a CVRD se colocará no primeiro lugar no mundo entre as empresas congêneres.

Como diversificação de suas atividades a Companhia elegeu a linha de produtos florestais como de grande prioridade e já há cerca de três anos vem executando projetos de reflorestamento e exploração racional de florestas naturais.

Criou a Florestas Rio Doce S.A., sua subsidiária encarregada de implantação dos maciços florestais no Médio Rio Doce, e a Rio Doce Madeiras S.A. - DOCEMADE, igualmente sua subsidiária que cuida dos plantios de eucalipto na região do litoral capixaba.

Vem desenvolvendo grandes projetos de exportação de produtos florestais para contratos a longo prazo e vem aplicando recursos de grandes empresas tais como o Banco do Brasil, CEMIG, ESCELSA, e outras.

Iniciou uma campanha no sentido de captar mais recursos oriundos dos incentivos fiscais em virtude das suas ilimitadas possibilidades de industrialização e comercialização na área internacional.

Não podia a CVRD, através de suas subsidiárias, se privar das vantagens auferidas como associada do IPEF, uma vez que a Companhia possui como princípio fundamental, trabalhar dentro dos mais altos níveis técnicos.